



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

VERALUCIA GONZAGA FIAIS

**Atuação dos jovens na produção e comercialização de alimentos
agroecológicos no Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo na
Comunidade do Quebra Fogo em Irará, Bahia**

**Feira de Santana - BA
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

VERALUCIA GONZAGA FIAIS

A atuação dos jovens na produção e comercialização de alimentos
agroecológicos no grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo na
comunidade do Quebra Fogo no Município de Irará, Bahia

Orientador (a): Dr. Wilon Mazalla Neto

Feira de Santana – BA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Veralucia Gonzaga Fiais

A atuação dos jovens na produção e comercialização de alimentos agroecológicos no Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo em Irará, Bahia

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Tecnóloga em Alimentos do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Feira de Santana, 02 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilson Mazalla Neto
Doutor em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profª Dra. Samantha Serra Costa
Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Profª Dra. Jéssica Souza Ribeiro
Nutricionista –CRN/56131
Doutora em Engenharia e Ciência de Alimentos
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. METODOLOGIA	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 Juventude Camponesa	10
3.2 Educação Do Campo e Agroecologia	12
3.3 As feiras e sua dimensão na comercialização de alimentos/ circuitos curtos de comercialização	13
3.4 Juventude camponesa com a produção e comercialização de alimentos para permanência do Campo	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:	17
O “ser jovem”, e a articulação entre produção e comercialização, para permanência no campo.	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. REFERÊNCIAS	26

RESUMO

O trabalho apresentado trata-se de uma pesquisa sobre a atuação dos jovens na produção e comercialização de alimentos agroecológicos no grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo na comunidade do Quebra Fogo no Município de Irará, Bahia. Esse estudo teve como objetivo investigar a experiência dos jovens que produzem e comercializam. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a qualitativa no viés investigativo, partindo das entrevistas realizadas com 5 integrantes do grupo produtivo, entre eles ouvimos também a gestão participativa, visando compreender de que forma se dá esse processo de articulação dos jovens com a comercialização para o escoamento da produção agroecológica, que destacam as feiras agroecológicas, como importante espaços de vendas. Feitas as análises constatou-se assim, que mesmo com muitas lutas, desafios diários e renda insuficiente, os jovens não desistem e permanecem no campo, se organizam, se unem e se articulam, para acessar as políticas públicas e mercados institucionais, almejando melhorar a sua renda familiar. A resistência desses sujeitos, tem corroborado para o desenvolvimento da agricultura familiar, bem como para o fortalecimento da economia solidária.

Palavras-chave: Juventude; Permanência; Produção Agroecológica; Comercialização

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar tem uma atividade econômica que vem ganhando forças, adentrando vários espaços na sociedade, pois o sujeito do campo tem tomado consciência de classe, da importância dos agricultores familiares, que matam a fome de milhões de brasileiros, com a produção de alimentos. Todavia historicamente, esses sujeitos foram explorados e negaram seus direitos e por muitas vezes naturalizaram essas situações.

O grupo produtivo Sabores do Quebra Fogo que fica localizado na Fazenda Quebra Fogo, município de Irará-Bahia, protagoniza um cenário de luta e resistência, uma vez que tem feito parceria com todos os moradores e com a associação rural, pensando no desenvolvimento da comunidade. Dessa forma, o grupo tem se fortalecido e os jovens têm se inserido na agroindústria, e a economia solidária acontece nessa comunidade.

É pertinente salientar que a juventude, tem protagonizado as feiras, as quais tem permitido a comercialização dos produtos, produzidos pelo Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, uma vez que tem-se aproveitado ao máximo dos eventos ocorridos, seja na cidade de Irará, ou mesmo nas cidades circunvizinhas, e ainda nas feiras da agricultura familiar, dentro do espaço universitário, oportunizado pela instituição de ensino superior Universidade Federal do Recôncavo da Bahia –UFRB, Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (Cetens), no município de Feira de Santana um espaço de empoderamento camponês, no viés agroecológico. Participação que registra o movimento organizado da juventude em torno do processo cooperativista, com formação cidadã, concretizando no fazer coletivo, que dá visibilidade ao agricultor, fortalecendo a agricultura familiar, num espaço de poder para os integrantes, que atuam como estudantes da instituição, assim como, agricultores e produtores beneficiados.

Tomando por referência esse contexto, parto da permissão de ser filha de agricultores, e me reconhecer enquanto agricultora, que está tendo a oportunidade de ter uma formação em um curso de Tecnologia em Alimentos, dentro de uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Campus do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, (Cetens), qual está embasa nos princípios e fundamentos da educação do campo e da

agroecologia. Trata-se de um curso que nasceu da reivindicação popular e da luta dos movimentos sociais. O Curso Superior de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo possui uma dimensão pedagógica e metodológica diferenciada a qual foi historicamente construída e denominada como Pedagogia da Alternância. (UFRB, 2017, p.10)

Por muito tempo vi e ouvi dizer, que o campo era lugar de atraso e que viver no campo, era viver com precariedade e não poder produzir. Esse discurso escondia, uma ideologia burguesa, de que precisávamos ir para cidade, muitas vezes para trabalharmos em subempregos, e sermos explorados, gerando o lucro para o capital. Entretanto, vejo através da educação do campo, uma outra proposta de vida digna para o campo, e para seus povos, com direito a cultura, a produzir e comercializar alimentos.

Nesse viés, estive junto ao grupo acompanhamento, de 2018, quando ingressei na universidade e realizei o diagnóstico rural participativo (DRP), instrumento utilizado para levantar dados necessários para elaboração do projeto de intervenção, trabalho do tempo comunidade, na perspectiva da modalidade da Pedagogia da Alternância, atividade avaliativa e formativa do curso Tecnologia em Alimentos na modalidade da Educação do Campo.

Nesta pesquisa, deve-se salientar a intencionalidade de investigar a experiência dos jovens que produzem e comercializam no Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, verificando se esta contribuiu para a permanência dos jovens camponeses. Procuramos analisar de que forma “ser jovem”, tem impactado na produção e comercialização de alimentos, e ainda estudar os limites e avanços na permanência no campo de jovens da agricultura familiar, bem como compreender os desafios enfrentados pelos jovens na produção e comercialização e como eles se articulam para essa superação.

2. METODOLOGIA

Podemos dizer que essa metodologia utilizada para mensurar essa realidade é uma pesquisa empírica, com análise de dados, secundários e primários, entrevistas, embasados por fundamentação teóricos, consulta de tese. Leituras de artigos. Ademais foi muito relevante entrevistar os integrantes do grupo e poder da materialidade e fornecer dados consistente a pesquisa.

Dos 9 integrantes, foram entrevistados voluntariamente 5 integrantes do Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, sendo que uma delas, além de integrante compõe a gestão. Totalizando 4 mulheres, com idades entre 22 a 51 anos e 1 homem, de 26 anos de idade. Todos os respondentes são residentes da Fazenda Quebra Fogo, em Irará, Bahia.

As entrevistas foram realizadas nesta pesquisa a partir de entrevistas semiestruturadas (Os roteiros das mesmas encontram-se ao fim deste trabalho nos apêndices). Dessa forma os entrevistados responderam perguntas abertas levando em consideração o foco da pesquisa. Neste sentido, a entrevista, para, Marconi; Lakatos (2003, p. 198) [...] é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Dessa forma cada integrante bem como, a Gestão, respondeu às perguntas a partir das suas experiências e do seu cotidiano, ressaltando os principais elementos, que contemplam o todo, o contexto que envolve a agroindústria e sua relação para permanência no campo.

O grupo produtivo Sabores do Quebra Fogo fica localizado na comunidade rural do Quebra Fogo, em Irará- Bahia, com um espaço próprio ainda em desenvolvimento, segundo as normas da legislação. Desse modo, é notório um avanço significativo desde a sua fundação, quando existiam apenas condições básicas de produção. Pois o processamento acontecia nas cozinhas de cada integrante, uma vez que havia a ausência de um espaço físico apropriado, para atender essa demanda. Entretanto, atualmente, o grupo se encontra em um momento mais avançado, caminhando, dentro dos padrões de qualidade que manda a legislação brasileira, pois conta com uma estrutura física favorável e equipamentos necessários à produção.

Atuam fazem parte na agroindústria Sabores do Quebra Fogo 9 jovens, que interagem com a comunidade do Quebra Fogo, resistindo, produzindo e comercializando alimentos, de forma agroecológica. Assim produzem derivados da mandioca e do aipim: como beiju, bolachinha, aipim a vácuo, bolos, tapiocas, cocadas e goma.

A comunidade do Quebra Fogo está localizada a 6 km da sede do município, próximo às localidades de Olhos d'Água, bongue e Alto do Cruzeiro. O nome da comunidade do Quebra Fogo teve sua origem a partir da presença de garimpeiros que nos anos 60, trabalharam na abertura da linha férrea, marca registrada até hoje na comunidade.

Vivem na comunidade aproximadamente 270 (duzentos e setenta) famílias, que sofrem as consequências da questão agrária, pois é bastante relevante, a falta de terra e as condições de viver nela, sendo este um dos principais fatores responsáveis pelo esvaziamento do campo, pois com muita luta e resistência os agricultores vivem com pouca renda.

A comunidade do Quebra Fogo, está vinculada a Associação Rural do Quebra Fogo, um espaço coletivo, que conta com 86 associados. É relevante salientar que a parceria existente, entre a comunidade e o Grupo Produtivo, tem sido significativa dentro da comunidade, uma vez que a “Feira do Quebra Fogo” evento, marcante no município de Iará, fazem dos jovens, produtores de alimentos, grandes protagonistas, que se apropriam da educação do campo, da agroecologia e da comercialização de alimentos, para potencializar a agricultura familiar, fortalecendo a economia solidária, através do empreendimento solidário, bem como a valorização da cultura local, e dos saberes ancestrais, gerando renda para os camponeses.

É, assim, uma comunidade que luta para acessar seus direitos, pensa o desenvolvimento do seu território, com produção de alimentos saudáveis, agroecológicos, preservando a natureza, plantando milho, mandioca, feijão, quiabo, abóbora, batata doce, aipim, alface, cenoura, coentro, entre outros, produtos agroecológicos. Nesse sentido, temos uma produção diversificada de alimentos e criação de animais como: galinhas e porcos, que se alimentam de plantas rasteiras, das palhas e folhas dos vegetais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Juventude Camponesa

No contexto social vigente, é notório os inúmeros desafios que os jovens, sobretudo os camponeses, têm enfrentado para sua reprodução social e permanência no campo, pois existe uma tendência hegemônica para que eles migrem para o meio urbano. Concorda com isso, Castro (2009), que afirma “A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões [...]”

Para entendermos a complexidade desse movimento, faz-se necessário olharmos os dados da literatura, que apontam como se deu a formação desse processo. Dessa forma, é relevante ressaltar as articulações que a juventude camponesa tem construído para superação de uma realidade desafiadora, que tem impulsionado cada vez mais o esvaziamento do campo. Nesse sentido, sabe-se por tanto que, a problemática do campo tem um viés de dificuldades em políticas públicas que atendam as demandas desses sujeitos. Esta problemática está embasada na questão agrária, em um contexto que denuncia a ausência de renda e de cultura, ou mesmo de pouca escolarização, bem como no enredamento da questão fundiária, que tem impactado diretamente na migração dos jovens do meio rural para os centros urbanos.

É relevante abordar que, avaliando o cenário agrário brasileiro, vemos o crescente índice de desigualdade social rural, potencializada com grandes concentrações de terra nas mãos de uma minoria, dos grandes latifundiários, e pouca terra, para as famílias dos jovens camponeses, que necessitam da terra para viver dignamente. Logo os camponeses sem oportunidades e condições de viver no e do campo, vão buscar na cidade, condições que garantam sua sobrevivência e reprodução social. Nessa perspectiva, dialogando com essa realidade, Batista (2018) vai explicar:

É nesse contexto que se insere a problemática da juventude e suas vinculações com a questão agrária e conseqüentemente processo de migração para a cidade, enquanto condição do modo de produção das relações sociais capitalistas no campo brasileiro e como estratégia de reprodução social (BATISTA, 2018, p.32).

Em decorrência disso o esvaziamento do campo tem sido o grande gargalo de sustentação da ideologia capitalista, quando em outra vertente, existe um movimento

juvenil, de sujeitos em movimento, que estão inseridos em grupos organizados, articulados para o enfrentamento da negação de direitos e do fetiche da vida urbana. Frente a essa questão, Vadares et al. (2016) argumenta que o êxodo rural se dá na dicotomia com a cidade, sendo o campo, na ideologia dominante, o oposto do que é moderno, os jovens almejam ir para cidade e comumente pensam que permanecem no campo, só os que não tiveram estudo, ou mesmo oportunidade de sair desse espaço, para progredirem na cidade, banalizando o esvaziamento do campo.

Em outra vertente, temos os jovens que valorizam o espaço rural e a agricultura familiar, que dentro de seus pequenos pedaços de terra, produzem alimentos para sua sobrevivência e vendem o excedente para sua reprodução social, uma decisão que vai além de permanecer, entretanto resistir é preciso, e isso não podemos justificar, para tanto precisamos compreender como é possível esse real concreto.

Observa-se, que diante desse projeto em disputa, partindo da consciência de classe, a juventude camponesa dialogando com a proposta dos movimentos sociais, se organizou politicamente em coletivo, protagonizando uma outra proposta de vida para o campo, que dá centralidade à produção da vida, que pensa na questão ambiental, na comunidade rural, na igualdade racial inserida nesse processo, que prioriza a agricultura familiar, se apropriando da soberania alimentar, com a agroecologia e com preço justo na produção e comercialização de alimentos, fatos esses que tem sua sustentação em um movimento político e social bem estruturado, que dá materialidade a um projeto de sociedade enraizado nos movimentos sociais. Assim, Castro (2009, p.183) vai salientar, “contudo, os movimentos sociais rurais no Brasil são, hoje, palco do surgimento de novas organizações de juventude como ator político [...]”.

Devemos abordar ainda, que, a juventude camponesa em Ipirá, em especial na comunidade do Quebra Fogo, tem se apropriado do seu papel político, do direito de resistir e participar da disputa de poder, para permanecer no e do campo, potencializando a produção e comercialização dos derivados da mandioca a partir da construção de um coletivo social, que busca melhorias para o campo, para além de acessar as políticas públicas, como, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), poder também usufruir dos espaços das feiras livres, fortalecendo assim os circuitos curtos de comercialização, que dão materialidade as relações entre produtores e consumidores, e traduz na interdependência campo e cidade.

3.2 Educação Do Campo e Agroecologia

No contexto social vigente, predomina nas escolas inseridas no campo, um projeto rural, de precariedade escolar, que predomina uma intencionalidade ideológica para o campo, de esvaziamento de conteúdo, uma proposta fragmentada de currículo para o campo. Frente a essa realidade, temos uma Educação do Campo, que se materializa na luta dos movimentos sindicais e dos movimentos sociais. Corresponde a um projeto de sociedade que pensa uma outra lógica de vida para o campo, como lugar de permanência e resistências e reprodução na terra.

Para Fernandes (2005, p.1) “[...] a Educação do Campo nasceu das demandas dos movimentos camponeses na construção de uma proposta educacional para assentamentos de reforma agrária”. Nessa perspectiva, Caldart (2012) vai salienta

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizados pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem as questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas camponesas e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que tem implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, educação e de formação humana. (CALDART, 2012, p. 259)

Nesta conjuntura, a educação do campo ao modelo de ocupação econômica e social do campo, existem dois projetos em disputa, a produção de commodities com uso de agrotóxicos e pesticidas, que fortalece o capital. Existe na contramão dessa lógica, um outro projeto de sociedade, que preserva as sementes crioulas, que pensa a interação entre todos os seres vivos, a produção agroecológica, com a preservação da natureza, no viés da educação do campo. Pensando a soberania alimentar, conecta-se com a produção de alimento saudável, nos pilares da agroecologia, uma juventude organizada politicamente, engajada na luta social, pela permanência de viver no campo e do campo com dignidade.

Segundo Altieri (2008, p. 23) “A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes”. Logo agroecologia se constrói nesse contexto de interação entre todos envolvidos no meio. Desse modo, é preciso esse respeito à natureza, à

sustentabilidade, à conservação das sementes crioulas bem com as práticas naturais e ancestrais. Nessa perspectiva,

[...] sistema de produção agroecológica, que tem como base os pilares da sustentabilidade (ecológica, econômica, social, cultural, espacial/ geográfica). A ecologia pretende assim, estabelecer as relações harmônicas entre o homem e seu espaço natural, minimizando para além do espaço rural”. (FINATTO; SALAMONI, 2008, p.199)

Pode-se afirmar que, “a agroecologia bem como a produção orgânica, se tornam visíveis a prioridade da juventude, ao lado a da e Educação do Campo, gerando renda e acessando à terra”. (CASTRO, et al., 2017). É imprescindível que aconteça um movimento organizado e estruturado direcionado frente a essas questões, para dar materialidade ao acesso, aos direitos que foram reivindicados e conquistados a partir do enfretamento desse sistema agrário que favorece uma minoria, entretanto, é possível, sobreviver na terra e da terra, com dignidade.

Em suma, para que um grupo produtivo, cumpra sua função social, é preciso permear em sua trajetória, por práticas agroecológicas, que busquem o fortalecimento de seu território, aproveitamento das matérias primas locais, respeitando a natureza, com técnicas e princípios agroecológicos, embasando-se na Educação do Campo, no resgate de práticas primárias e culturais, com soberania de nossas sementes crioulas, na diversificação da plantação, buscando o fortalecimento do empreendimento solidário e dos circuitos curtos de comercialização.

3.3 As feiras e sua dimensão na comercialização de alimentos/ circuitos curtos de comercialização

No processamento de alimentos, a comercialização é uma etapa fundamental na agroindústria, sendo de suma importância no escoamento da produção, gerando renda para o grupo cooperado. Dessa forma, é relevante salientar, que as feiras tem sido grandes estratégias de comercialização de alimentos orgânicos e agroecológicos. Uma vez que esses espaços de vendas, proporcionam ao produtor e ao consumidor uma relação de confiança, com preço justo, bem como, assegura a qualidade do produto que está sendo comercializado. Sendo importantes Circuitos Curtos de Comercialização (CCC). Como afirma Rover; Darolt (2021, p.29)

Quando falamos em CCC agroecologia, observamos que um dos pontos em comum é que a maioria dos agricultores se quadram na categoria da agricultura

familiar, estando na fase de transição agroecológica ou certificados como orgânicos. Um dos pilares de sustentação desta categoria é a mão de obra familiar, que já possui uma carga de trabalho intensa e é cada vez mais exigida a desempenhar novas competências (produção, transformação e comercialização) ou cooperar com outros agricultores para apresentar bem o produto, agregar valor, organizar uma logística eficiente, entregar o produto com qualidade, frescor e rapidez[...]

Essas são características marcantes, dos produtos de base agroecológica, típicos da agricultura familiar e comercializados nas feiras, que facilita a articulação entre quem compra e quem vende, corroborando para a aproximação de ambos. É relevante salientar que esse é o perfil dos circuitos curtos de comercialização, que são alternativas encontradas para superar um modelo tradicional do mercado, excludente para agricultor familiar.

Cabe destacar, o avanço e do sucesso das feiras e da inserção dos produtos de origem agroecológica no sistema agroalimentar, sendo um grande potencial para os jovens que produzem nas agroindústrias, busquem nas trincheiras, outras vias para comercializarem, e ainda, condições para permanecerem no campo e para enfrentamento de mercados convencionais, atendendo as demandas de um grupo de consumidores que buscam uma maior segurança alimentar, podendo conhecer a origem dos produtos que estão consumindo.

De acordo com Rover e Riepe (2016), os circuitos curtos de comercialização podem potencializar a distribuição, o transporte, a gestão das vendas, e a identificação entre produtores e consumidores. Reduzindo a distância entre o local da produção e do consumo, aproximam quem produz de quem consome. Observa-se, portanto, que os CCC, tem ganhado espaço nas comunidades e nas cidades gerando mais renda para as famílias dos agricultores.

É inegável que no contexto da agricultura familiar, as agroindústrias estejam embasadas em um viés de cooperativas e associações, uma luta coletiva, em que permitem que esses agricultores permaneçam organizados e que lutem e possam acessar outros mecanismos de vendas que são as políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar e (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Esses programas, foram conquistados com muita luta, para que o agricultor tivesse o direito de inserir seu alimento na merenda escolar, e poder garantir renda à sua produção. Faz-se necessário, portanto, uma consciência coletiva e social, que dá

importância a alimentação saudável, de base agroecológica inserido no sistema agroalimentar. Como vai salientar (Rover; Darolt, 2021, p. 38)

Tratar-se-ia de um processo de cunho educativo, que demandaria crescente tomada de consciência dos consumidores, agricultores, organizações sociais e agentes públicos. Tal processo exigiria importantes esforços de educação para o consumo, por meio de campanhas, ações nas escolas e informação para a população em geral. Também exigiria maior engajamento e protagonismo de organizações e instituições locais com o sistema agroalimentar de seu território.

Diante disso, é preciso pensar que os circuitos curtos têm sido uma inovação social, que fortalece a agricultura familiar, que potencializa a comercialização da produção agroecológica e orgânica, bem como, prioriza o consumo consciente e com preço justo, pois dá às feiras uma dimensão de escoar a produção diretamente pelo produtor, sem interferência de atravessadores, diretamente de quem produz para seus consumidores. Os circuitos curtos de comercialização chegam com outra lógica de mercado, através da comercialização unem produtores e consumidores, e usa de pouca intermediação (CHERACOMO; ESQUERDO, 2019)

Segundo Rover; Darolt (2021, p. 19 “[...] olhando para os CCC como inovações sociais que promovem a agroecologia”. Cabe ao poder público o fortalecimento desses circuitos, com investimentos públicos, que crie condições necessárias para que eles ocorram da melhor forma possível, com a perspectiva de gerar renda para esses atores que por muitos anos foram invisibilizados e marginalizados e são responsáveis em produzir a maior parte de alimentos que chegam a nossa mesa.

3.4 Juventude camponesa com a produção e comercialização de alimentos para permanência do Campo

Na conjuntura atual os jovens camponeses estão buscando a superação de uma realidade negligenciada, historicamente pelas mazelas sociais, que são frutos de um projeto de sociedade exploratória e de negação de direitos, que vem reproduzindo um modelo neoliberal, onde a juventude é vista como massa de manobra para perpetuação de um sistema excludente, que visa o lucro e o esvaziamento do campo.

Assim, é necessário um projeto de sociedade que mantenha esses jovens reféns desse sistema opressor, que se concretiza na baixa escolaridade, na ausência de

perspectiva de vida, na implantação de um modelo de escola que naturaliza as mazelas sociais, com esvaziamento de conteúdo e marginalização desses sujeitos, onde o urbano sobrepõe o campo, na visão urbanocêntrica, fomentando encontrar na cidade condições de sobrevivência, que os espaços rurais não podem oferecer. Desse modo, Batista (2018, p. 30) vai salientar:

“Neste sentido, a sobreposição da realidade, pode ser sintetizada da seguinte maneira: A juventude está para o trabalho, do mesmo modo que o trabalho está para a cidade. Este raciocínio centrado na superioridade da cidade, desloca o eixo estruturante do problema da questão agrária [...]”.

Contudo, é nesse contexto que se constituem os problemas estruturais que refletem a realidade dos sujeitos camponeses, que se caracterizam como jovens rurais, negligenciados pelas políticas públicas, que reforçam um modelo capitalista conflituoso e alienado, que negam seus direitos e suas identidades. Puntel et al. afirma,

[...]. É neste campo de disputa e de identidades distintas que se situa o jovem rural com suas buscas, desafios e esperanças. É por conta desta diversidade que na atualidade, a definição de juventude tem sido estabelecida a partir de sua forma plural – juventudes – por causa das situações existenciais experimentadas pelos sujeitos nessa etapa da vida, e nos diferentes contextos que estão inseridas (PUNTEL et.al., 2011, p. 9)

É relevante abordar que avaliando o cenário agrário, em que contempla grandes concentrações de terra nas mãos de uma minoria, dos grandes latifundiários, e pouca terra para família camponesa o que se torna uma barreira para a permanência dos jovens no campo. Dessa forma, sem oportunidades e condições de viver no e do campo, reforçando uma ideologia da elite agrária, se dá a conseguinte migração do campo para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida.

É nesse contexto que se insere a problemática da juventude e suas vinculações com a questão agrária e conseqüentemente processo de migração para a cidade, enquanto condição do modo de produção das relações sociais capitalistas no campo brasileiro e como estratégia de reprodução social (BATISTA, 2018, p.32).

Em decorrência disso o esvaziamento do campo tem sido primordial para sustentação da ideologia capitalista, que reproduz um pensamento burguês, materializado na intencionalidade elitista, sendo que os jovens camponeses devem servir de mão de obra para manutenção do lucro desse sistema escravocrata.

Frente a essa questão, Vadares et al. (2016) argumenta, o êxodo rural se dá na dicotomia campo versus cidade, sendo o campo o oposto do que é moderno, os jovens almejam ir para cidade e comumente pensam que permanecem no campo, só os que

não tiveram estudo, ou mesmo oportunidade de sair desse espaço, para progredirem na cidade, banalizando o esvaziamento do campo.

Em outra vertente, temos os jovens que valorizam o espaço rural e a agricultura familiar, que dentro de seus pequenos pedaços de terra, produzem alimentos para sua sobrevivência e vendem o excedente para sua reprodução social, uma decisão que vai além de permanecer, entretanto resistir é preciso, e isso não podemos justificar, para tanto precisamos compreender como é possível esse real concreto. Vedares explica:

Identificar os fatores que determinam a permanência dos jovens no campo é uma tarefa complexa. A permanência no campo é, simultaneamente, uma decisão e uma não decisão. Compreendê-la exige investigar múltiplas dimensões da vida desses jovens e como elas se relacionam com as tensões de nossa sociedade, com modificações no modo de produção e nas relações de trabalho. Nesse sentido, podem ser pensadas muitas hipóteses para explicar uma maior retenção no campo ou maior repulsão pela cidade. (VADARES et al., 2016, p.7)

Em suma a juventude tem olhar para o campo, como território político, de saberes culturais e ancestrais, que reafirmam suas identidades camponesas, de lutas por políticas, geração de renda e permanência na terra para os seus sujeitos, corroborando, dessa forma com o desenvolvimento do seu território e da economia solidária.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O “ser jovem”, e a articulação entre produção e comercialização, para permanência no campo.

Na perspectiva dos movimentos sociais populares, o trabalho que é desenvolvido em uma agroindústria familiar deve ser cooperado, solidário, contando com uma gestão participativa e democrática, dessa forma, foram feitas perguntas à gestão como, quais são os produtos comercializados na agroindústria? Segundo, a entrevistada 05, “Derivados da mandioca e do aipim. Como: bolos, bolachinhas, pão de aipim, rocambole de aipim, queijada, aipim à vácuo e in natura”.

Uma produção de alimentos de base agroecológica, é muito relevante no contexto da agricultura familiar, entretanto sabemos que as agroindústrias têm enfrentado alguns entraves, no processo de comercialização de sua produção, nessa

conjuntura dialogando com a gestão, perguntando quais canais eram utilizados para escoar essa produção?

Estamos tentando acessar as chamadas públicas PAA e PNAE. Entretanto são as feiras agroecológicas, onde são escoados maior parte da produção. Sendo que esses produtos foram inseridos na Feira Baiana da Agricultura Familiar. (ENTREVISTADA 05)

Segundo (Rover; Darolt, 2021, p. 30)

Sua demanda por produtos de qualidade superior estimula a geração de novas relações produção-consumo, nas quais diferentes consumidores participam com diferentes níveis de engajamento, desde a simples condição de compradores de produtos de qualidade superior até uma participação mais efetiva na gestão e viabilização da produção e abastecimento alimentar.

Cabe ressaltar, que o grupo vem na luta da comercialização, permeando por feiras agroecológicas, dentro do município de Irará, ou mesmo em outras cidades, bem como em outros espaços, fomentando maior aproveitamento, como outros nichos, que se dá como relevante no mercado alimentício. O grupo também, atende à compradores, que buscam uma alimentação saudável e de qualidade, foi nesse viés que “perguntamos a gestão: Os canais de comercialização funcionam bem? Quais as dificuldades encontradas? A renda é satisfatória? Ou faltam canais? Foi recebida a seguinte resposta:

Funcionam bem, todavia, existem dificuldades, que é o transporte. A renda ainda não é satisfatória, faltam o acesso aos canais de comercialização, pois o grupo vem tentando alcançar os mesmos. (ENTREVISTADA 05).

Um dos grandes desafios que o grupo tem enfrentado é a questão do transporte, isso dá materialidade à realidade das limitações que os agricultores familiares enfrentam e reforça a importância dos circuitos curtos de comercialização que atenua a distância entre quem compra e quem vende. Uma vez que custear um transporte, pesa muito no orçamento de investimento das agroindústrias, pois são valores consideráveis, com combustíveis e fretes, sendo um grande desafio para esses empreendimentos solidários.

Outro fator imprescindível é que para permanecer no campo, produzindo alimentos saudáveis, é primordial possuir preço justo, ter um produto de qualidade, com segurança alimentar, atendendo as normas da legislação, para acessar um mercado

que atenda as demandas dessa produção. Sem falar nas políticas públicas, que foram demandas de resistências, exigidas, pois precisávamos dessa política de reparação histórica atendendo as necessidades das agroindústrias familiares, pois foram conquistadas através da organização e cobrança dos movimentos sociais.

Dessa forma, para entender como ocorre esse processo no Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, fizemos a seguinte pergunta à gestão:

As políticas públicas, ajuda na produção dos alimentos com aquisição de maquinários para a agregar à produção, além disso temos políticas públicas para comercialização, entretanto ainda não conseguimos utilizar por completo. (ENTREVISTADA 05).

Achamos importante destacar aqui que, Grupo Produtivo Sabores Quebra Fogo uma mistura que gera frutos a partir da junção entre organização e luta interna com o apoio de políticas públicas. Parte de sua infraestrutura foi obtida através de políticas públicas, porém a maior parte foi autofinanciada.

O grupo produtivo Sabores do Quebra Fogo, vem de um de período constate transformação, desde da sua fundação, o qual teve seu iniciou nas cozinhas das integrantes fundadoras do grupo, onde nos dias atuais possui um espaço próprio, que mesmo ainda em desenvolvimento, apresenta algumas conquistas e melhorias no espaço físico, para atender as normas da legislação brasileira. Nesse processo de construção ao longo dos anos, muitos foram os desafios enfrentados, onde cada um fazia sua parte para contribuir da melhor forma, com esse desenvolvimento e melhoria do lugar. Assim, perguntamos o período que cada um entrevistado tinha no grupo? re foram dadas as seguintes respostas:

Trabalho há mais de 20 anos (ENTREVISTADA 01)

Trabalho há 1anos (ENTRIVISTA 02)

Trabalho há 5 anos (ENTREVISTADA 03)

Trabalho tem 3 anos (ENTREVISTADO 04)

Faço parte do há 2 anos, mas sempre esteve apoiando o grupo desde a sua fundação, dando apoio técnico as integrantes. (ENTREVISTADA 05)

É notório que existem pessoas na agroindústria em diferentes níveis de experiências, e isso impacta positivamente no funcionamento do grupo, uma vez que segundo relatos dos próprios entrevistados, eles são unidos, cooperam entre si e juntos são mais fortes, sendo estas características fundamentais dentro de um grupo de empreendimento solidário. O acesso aos meios institucionais, podendo vender seus produtos para merenda escolar, será uma maior fonte de renda, para escoar a produção do grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, a juventude tem se mobilizado frente a essa questão.

O destaque da juventude na produção de alimentos, ainda vê nas feiras, relevantes canais de comercialização, eles ocupam esses espaços e inserem seus produtos. Assim vamos analisar a partir de dados, se este tem sido o grande potencial, se tem influenciado, nessa articulação, nas decisões, se tem tido um destaque positivo, para a dinâmica dentro do grupo, como eles integrantes enquanto grupo tem olhado para essa questão, perguntou-se:

Você acredita que “ser jovem” tem contribuído, para melhorar a articulação entre produção e comercialização? A entrevistada 01, disse que “sim”, concorda com ela a entrevistada 02 e a entrevistada 03, que, afirmaram, também que “sim”, portanto, é o entrevistado 04, que vai esclarecer:

Sim, pois os jovens contribuem bastante no processo e na capacidade de contribuir facilmente seu papel e nas articulações dadas para um em cada setor uns na parte da comercialização e outros na parte da produção e isso tem muito ajudado no desenvolvimento e nas organizações. (ENTREVISTADO 04).

É primordial destacar que o ser jovem é dinâmico, crítico e criativo, tem se articulado e tem se organizando em um movimento que avança progressivamente, rumo a superação das dificuldades de comercializar, com isso tem aproveitado ao máximo as oportunidades oferecidas, sendo as feiras os lugares onde tem avançado e escoado, maior parte da sua produção, entretanto se mobilizam no acesso as políticas públicas através de editais.

Um empreendimento solidário, está pautado no trabalho coletivo, que tem como fomento a relação de respeito e confiança entre seus integrantes, onde cada um faz sua parte, respeitando as decisões que são discutidas sempre em assembleias, com a

presença de todos. Nesse sentido, questionei como é a relação de trabalho entre ele e os demais integrantes do grupo e pontuaram:

Somos todos reunidos, quando vamos fazer uma produção, todo mundo se reúne, e trabalha por igual. (ENTREVISTADA 01)

Muita boa, muita participativa, todo mundo ajuda, e está contribuindo nos trabalhos. (ENTREVISTADA 02)

A gente é unido (ENTREVISTADA 03)

Relação de coletivo de sempre um dá as mãos ao outro por isso fortalece o conjunto. (ENTREVISTADO 04)

Evidencia-se, portanto, que o grupo produtivo supracitado, está embasado em um trabalho coletivo, participação democrática, com autogestão e com interesse social segundo os entrevistados.

Observa-se, portanto, que essa integração entre a equipe, tem motivado o grupo, vemos que a maior parte, são jovens que vivem no campo, se apropriam da educação do campo e da agroecologia para fazerem a diferença dentro desses espaços. Como afirma Castro, et al. (2017, p.30) “nesse sentido, a participação da juventude passa para ser considerada um eixo estruturante no desenho das políticas sociais, reposicionando o jovem como sujeito de direito[...]”.

Ao perguntar aos integrantes do grupo se a participação da juventude traz contribuição específica para o desenvolvimento das agroindústrias familiares. A Entrevistada 01, em sua fala disse que “sim”, bem como a entrevistada 03 relatou que “sim”. Todavia os entrevistados 02 e 04 esclarecem:

Traz assim, que tendo meio mundo de jovens que participam, a comunidade da gente fica participava e produtiva na agricultura familiar. (ENTREVISTA 02)

Amplia o alcance para incluir os serviços prestados pela agricultura e importância da organização do desenvolvimento comunitário com isso fortalece a permanência da juventude no Campo. (ENTREVISTADO 04)

A juventude tem um papel fundante dentro das agroindústrias familiares, pois se organizam e fortalecem esses espaços, a partir da agricultura familiar, se apropriado

da educação do campo, da produção saudável, com diversidade de alimentos e priorizando a preservação da natureza.

Sabemos que muitas vezes o contexto social que estão inseridos os povos do campo, vem historicamente, conquistado por luta e resistência, que pensam na vida digna no campo. Para Caldart (2012, p.261) a realidade que produz a educação do campo não é nova, entretanto inicia uma forma de fazer seu enfrentamento. Nesse sentido, participar de um empreendimento solidário e poder ter uma renda, faz um grande diferencial na renda familiar. Quando questionei como fazer parte do grupo, tem mudado ou não ou a vida das integrantes, de acordo com os dados fornecidos, em cada fala é notório a perspectiva de vida digna e de futuro, que os tais integrantes passaram a ter, depois do trabalho em grupo, como podemos constatar nos seguintes fragmentos:

Mudou bastante, porque antigamente a situação da gente era mais difícil, está se tornando mais fácil através desse grupo. (ENTREVISTADA 01)

Tem mudado muito minha vida, também para organizar, porque através do grupo, comecei a organizar minhas coisas (ENTREVISTADA 02)

Mudou sim, minha vida, hoje eu tenho uma renda, não é muito, mas dá para fazer alguma coisa (ENTREVISTADA 03)

Tem, pois me dá autonomia de poder trabalhar e estudar (ENTREVISTADO 04).

Fica evidenciado no estabelecimento dessas relações sociais, que a educação do campo, a agroecologia, e a luta dos movimentos sociais, impulsionam os jovens rumo a uma movimentação crescente que prioriza o campo, como lugar de vida, de cultura, de identidade. Muitos jovens têm permanecido no campo, estudando, produzindo e resistindo. Entretanto historicamente falando esse cenário era bastante diferente, pois tínhamos um campo invisibilizado, com grande índice de esvaziamento, e uma crescente migração da juventude para os centros urbanos. Assim, de acordo com Batista (2018)

Neste contexto é que a juventude do campo vem esboçando relações contrahegemônicas e somando forças nas brechas do poder hegemônico, para construção da unidade da luta camponesa, alicerçada em diferentes frentes, a exemplo da luta pelo acesso à terra, à água, educação e às demais políticas públicas de permanência do jovem no campo. (BATISTA, 2018, p. 63)

Nesse sentido, perguntei se o grupo tem contribuído para sua permanência e os demais jovens no campo? Logo a entrevistada 01, afirma que “tem sim”; da mesma forma, concorda com ela, a entrevistada 02, “sim, sim”, bem como a entrevistada 03 que argumentou: “sim”. Nessa perspectiva, o entrevistado 04 pontua:

Creio que sim pois quando você tem uma renda que dê para suprir faz com que você não saia de sua zona de conforto. (ENTREVISTADA 04)

O grupo produtivo Sabores do Quebra Fogo, vem na prática cotidiana de responsabilidades coletivas, que prevalece a autogestão, de produção e comercialização de alimentos, em um viés agroecológico, com geração de renda para as famílias, dessa forma cada integrante a partir da oportunidade do trabalho cooperado, tem condições necessárias para transformação da sua realidade. Para tanto, para compreender se o grupo produtivo, tem contribuído para o desenvolvimento da agricultura familiar, bem como o fortalecimento da economia solidária? Questionei aos entrevistados.

Nesse seguimento, a entrevista 01, foi contundente na sua fala “ Com certeza. Porque a gente trabalha com os produtos dos agricultores familiares”. Já a entrevistada 02, acha que “sim” que tem contribuído, concorda com ela a entrevistada 03, que acredita que sim. A fala do entrevistado 04, vai salientar:

Sim pois é do campo que sai o alimento para a mesa e quando um grupo tem algo de coletividade e de organização e principalmente possui esse conjunto de atividades econômicas. (ENTREVISTADA 04)

Nos limites estratégicos da realidade camponesa, muitos jovens, buscam se organizar financeiramente, com a renda coletiva, que adquirem no grupo para suprir suas necessidades. Como o trabalho cooperado, que acontece na agroindústria, tem atendido a sua renda familiar?

Sim. Porque assim aumentou, tem coisas que a gente não estava com dinheiro para comprar e através desse grupo, com essa renda, a gente está tendo, está tendo, tipo assim um aumento de alimentação, com esse dinheiro, a gente se alimenta melhor. (ENTREVISTADA 01)

Um pouquinho, mas tem. (ENTREVISTADA 02)

Participar mais das oportunidades, que cada dia vai se dedicando para gente, participar mais de feiras livres, como a gente não ia e hoje já vai ter mais conhecimento lá fora. (ENTREVISTADA 03)

Sim contribui para a produção conjunta de bens e principalmente contribui nas compras ou no pagamento de algo que falta!!!(ENTREVISTADA 04)

Frente a essa constatação, e de acordo com os dados levantados, o grupo produtivo vem na perspectiva de contribuir com a reprodução social dos jovens, e sua permanência no campo, mesmo que reflita uma realidade de muita luta, de desafios, de embates. Entretanto, é preciso resistir, e acreditar, que o empreendimento solidário e coletivo, faz a transformação da vida da juventude, na comunidade rural do Quebra Fogo, especificamente no grupo Produtivo Saberes do Quebra Fogo, que juntos, integrantes e gestão participativa fazem do grupo, uma produção e comercialização de alimentos humanizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esse trabalho de pesquisa, constatamos que havia a necessidade de compreender a realidade daquele grupo o qual, os jovens eram atuantes, participativos, e interagem com associação comunitária e a comunidade. Pois já havia iniciado uma relação de confiança, enquanto discente do curso Superior de Tecnologia em Alimentos, a partir do DRP, onde posteriormente foi elaborado o projeto de intervenção, da mesma forma tivemos vários momentos, em sua execução. Diante disso, objetivou, investigar a experiência dos jovens que produzem e comercializam no Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo, verificando se esta contribuiu para a permanência dos jovens camponeses.

O objetivo específico inicial era analisar de que forma “ser jovem”, tem impactado na produção e comercialização de alimentos. Nesse sentido, pudemos observar a articulação da juventude e sua participação ativa dentro do grupo, seja nos editais, nas feiras ou mesmo na interação entre toda a equipe.

O segundo objetivo específico era estudar os limites e avanços na permanência no campo de jovens da agricultura familiar. Diante de uma realidade, que conta alguns

jovens, onde a renda nem sempre é satisfatória, permanecer no campo é resistência, é vencer os limites impostos, reafirma que precisamos sair do campo para viver dignamente, por outro lado quando eles se organizam e lutam por seus direitos, estudam e fazem um trabalho cooperado, e ainda se articulam, superam e permanecem, esses são seus maiores avanços.

Já o terceiro objetivo teve a finalidade compreender os desafios enfrentados pelos jovens na produção e comercialização e como eles se articulam para essa superação. Quanto a esse objetivo constatou-se então que ainda são muitas as barreiras, os entraves que eles enfrentam e mesmo com muitas políticas públicas para o campo, o acesso ainda é burocrático e muitas, vezes demorados, entretanto os jovens tem se apropriado dos princípios da educação do campo e da agroecologia e buscado vencer, as barreiras e resistir, encontrado outras vias de comercialização, buscando vida digna para o campo.

As entrevistas foram primordiais, para coleta de dados, que foi realizada com um número significativo de entrevistados.

Em suma, estamos diante de uma realidade atual, de uma sociedade de classes em disputas, que a luta coletiva, tem feito a diferença nos princípios formativos, no acesso as políticas públicas para permanência da juventude no campo. É preciso investigar, buscar conhecer in loco essas políticas institucionais e públicas, objetiva-se para futuras pesquisas, buscar ouvir outros sujeitos pertencentes a comunidade.

É desejo de todos e do grupo produtivo ter uma agroindústria que esteja adequada segundo as normas da legislação, com espaço pronto, estruturado, para dá oportunidade a outros jovens da comunidade a participarem do grupo, tendo sua renda garantida, permanecendo no campo, bem como, que outros empreendimentos solidários possam ser implantados na comunidade, pois almejam também implantar uma agroindústria de polpa de frutas.

6. REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A. de; PERTILE, N. Feira Livre e reprodução camponesa no município de Irará/ BA. Confins. **Revista Franco-Brasileira de Geografia** 39/2019: n.39.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004
- BATISTA, M. D. M. B. e. **Questão Agrária Movendo a Migração de Jovens no/do Campo em Irará (BA): Uma análise socioespacial.** (Tese de Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional n 9.394,20 de 20 de dezembro de 1996.5. ed. Brasília:** Câmara dos Deputados: Coordenação Edições Câmara, 2016.
- CALDART, R. S. **Educação do Campo.** In. Dicionário da Educação do Campo. p. 265, 2012.
- CASTRO, E. G. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ato político.** Rev.latinoam.cien.soc.niñezjuv7(1):179-208, 2009
- CASTRO, G. E.; FERREIRA, A. T.; SERRADOURADA, R. N.; CARVALHO, de E. **Juventude e agroecologia: a construção de uma agenda política e a experiência do Planapo.** 2017
- CHERACOMO, B.; ESQUERDO, V. F. S. Circuitos curtos de comercialização na agricultura familiar: um estudo do grupo de produtoras do Acampamento Elizabeth Teixeira- Limeira-SP. **Revista dos trabalhos de Iniciação Científica da Unicamp,** Campinas, São Paulo, n 27, out. 2019
- FERNANDES, B. M. **Os campos da pesquisa em Educação do Campo: Espaço e território como categorias essenciais.** Universidade Estadual Paulista- UNESP.2005
- FILATO, A. R; SALAMONI, G. **Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/ RS.** Sociedade e Natureza, Uberlândia,20 (2): 199-2017, dez. 2008

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 eds. – São Paulo: Atlas 2003.

PUNTEL, J. A.; PAIVA, C. A. N.; RAMOS, M. P. Situação e perspectiva dos jovens rurais no campo. **Ipea** 47, Code 2011.

RIEPE, A. de J; ROVER, O. J. **A relação entre comercialização de alimentos e princípios agroecológicos na rede cooperativas da reforma agrária do Paraná/Brasil**. *Desenvolv. Meio Ambiente*, v.38 663-682, agosto 2015.

Rover, J. O.; DAROLT, M. R. (Organizadores). **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo.2021.PDF

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Tecnologia em Alimentos**. Feira de Santana- BA: CETENS/UFRB, 2017.

VADARES, A. A.; FERREIRA, B.; LAMBAIS, G. B. R.; MARTINS, L. R.; GALIZA, M. **Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada**. In: *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Ipea, Brasília, 2016

APÉNDICE 1

Roteiro de entrevista com a Gestão do Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo

1- Qual seu nome e idade?
2- Em qual localidade você mora?
3- Há quanto tempo trabalha no grupo produtivo?
4- Quais os produtos que são produzidos na agroindústria?
5- Quais os canais de comercialização são utilizados, para escoar essa produção?
6- Os canais de venda funcionam bem, tem dificuldades? A renda é satisfatória? Faltam canais?
7- Como acontece a produção de alimentos e o acesso as políticas públicas?

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista com os integrantes do Grupo Produtivo Sabores do Quebra Fogo

1- Qual seu nome e idade?
2- Em qual localidade você mora?
3- Há quanto tempo trabalha no grupo produtivo
4- Você acredita que o “ser jovem” tem contribuindo, para melhorar a articulação entre produção e comercialização?
5- Como é a relação de trabalho entre você e os demais integrantes do grupo?
6- A participação da juventude traz qual contribuição específica para o desenvolvimento das agroindústrias familiares?
7- Como fazer parte do grupo tem mudado ou não a sua vida?
8- O grupo produtivo tem contribuído para sua permanência e para os demais jovens no campo?
9- Você acredita que o grupo produtivo tem contribuído para o desenvolvimento da agricultura familiar, bem como o fortalecimento da economia solidária?
10- Como o trabalho cooperado, que acontece na agroindústria, tem atendido a sua renda familiar?